

# Educação Artística: investigação e desobediência

*Arts Education: research and disobedience*

José Carlos de Paiva (i2ADS/FBAUP)

**Resumo:** No tempo de iminente catástrofe ecológica e social, onde a humanidade caminha para a sua aniquilação, perante o poder hegemónico que o Ocidente torna globalizado, não é mais admissível que se encare, onde quer que se esteja, a Educação Artística, a Arte e o Ensino Artístico como despreocupado com o porvir\_ comum. Estabelecer como conduta a promoção de uma vinculação performativa a toda a atividade diferenciadora que se mova, torna-se, por imperativo, o caminho da lucidez que alimenta a esperança por um novo devir.

**Palavras-chave:** catástrofe ecológica. descalabro social. diferencialidade. esperança.

**Abstract:** *At of imminent ecological and social catastrophe, where humanity is heading for annihilation in the face of the hegemonic power that the West is making global, it is no longer acceptable to view Arts Education, Art and Artistic Teaching as unconcerned about the common future. Establishing as behaviour, the promotion of a performative link to any differentiating activity that moves becomes, imperatively, the path of lucidity that nourishes hope for a new becoming.*

**Keywords:** *ecological catastrophe. social disaster. differentiability. hope.*

## alargar as fronteiras da investigação

Toda a experiência de um outro pensamento é uma experiência sobre o nosso próprio. (Castro, 2018, p. 96)

Precisamos de alargar as fronteiras, partir de onde construímos a nossa consciência para outras paragens, para outros sentidos, saberes e sabores, que nos permitam entender melhor, na sua globalidade, as controvérsias do contemporâneo e, assim, poder tornar inteligente o nosso inconformismo e as nossas ações.

O *tempo em que vivemos* está impregnado de cataclismos sociais e de uma anunciada catástrofe ecológica que ampliam a injustiça reinante, fortalecendo o esplendor dos detentores do poder financeiro e as benesses dos que *estão bem na vida*. O neoliberalismo no poder domina o controle sobre as *mais-valias* e os resultados da especulação financeira, e, em sentido inverso, desvaloriza a perda generalizada de direitos sociais e acentua o empobrecimento dos *outros* até à exclusão de condições dignas de sobrevivência. Essa crueldade procura dissimular a presença de uma dimensão desmesurada de contingentes de pessoas, sem sonhos e sem *sombra* (SCHLEMIHL, 1978), tratadas como uma espécie de *não-humanos*, tornados *sem\_nome* e *sem\_terra*, *sem\_pão* e *sem\_paz*.

Podemos esbater a consciência angustiante da desesperança que tolda o porvir, procurar uma compensação na procura de *tempos artificiais de felicidade*, no consumo dos mecanismos sedutores que nos são oferecidos e consentidos, mas o peso incrível da mercantilização da sociedade, do domínio exercido sobre os próprios desejos, o rumo paranóico e catastrófico não permite saudar com confiança as comunidades vindouras.

Movendo-nos no território da Educação Artística, não podemos deixar de procurar um entendimento crítico sobre a nossa relação com o artístico, com o Ensino das Artes e, de modo singular, com a Arte. Na construção ocidental, a arte legitimada pelas instâncias de poder, ela própria se questiona, mas ao se questionar não enfrenta a impossibilidade de passagem do isolamento tranquilo a que se remete, nem deixa de se acomodar na pertença positiva à cultura hegemónica. Noutra sentença, não recua deixando de empurrar para o ostracismo a presença múltipla de posturas artistas radicais e dissonantes.

Despojado finalmente de su aureola, el 'mundo del arte' pone la especulación abierta, impúdica, directa y sin adornos en el lugar del disfrute enmascarado de ilusiones estéticas, de fervores espirituales y de palabrería laudatoria. ¿Qué hay más "puro" y "verdadero" que el capitalismo financiero, que encuentra en el nicho del arte el microcosmos en que manifestar su autentica naturaleza? (Perniola, 2016, p.14).

Considera-se na percepção do referido, que a investigação em educação artística não pode deixar de assumir a atenção devida ao terreno catastrófico edificado no presente e se isolar na redoma que lhe é oferecida. Toda a irreverência artística que teimou em se apresentar ao longo da história não foi suficiente para romper o cerco que lhe era apostado pelos dispositivos de poder e pelo domínio dos valores hegemônicos de cada momento, como na atualidade acontece. Por isso, se torna imperioso ganhar nova radicalidade numa força que se estabeleça entre todos os movimentos sociais irreverentes e transformadores.

A educação artística liberta um vasto campo de possibilidades para que cada pessoa se possa construir na singularidade da sua relação de pertença social. As práticas educativas, pela sua relação intrínseca com o artístico, permitem e potenciam o desenvolvimento no alunado de qualidades contrahegemônicas e informadas, que podem passar a ser repercutidas no relacionamento com o *fora*, o *outro*, as comunidades, o comum. Não se defende uma ação educativa missionária e colonial, mas focada no que o *tempo de catástrofe* nos apresenta e não isolada, nem socialmente inócua, distraída e alienante.

Mas, para tal, precisa de se deixar de adormecer face à formatação reprodutiva e utilitária que os seguidores dos conhecimentos e valores vigentes incentivam e impõem. Urge valorizar e promover a experiência de inquietação e desconstrução das narrativas dominantes que a escuta do comum e o discernimento gera.

Em lugar de encarar os professores como transmissores de grande corpo de conhecimento hegemônico, deveríamos vê-los como líderes e facilitadores capazes de focar o processo de aprendizagem e de assistir os alunos/as em sua investigação e entendimento da existência de elementos comuns às funções e na posição da arte em relação às culturas que se transformam incessantemente. (Barbosa, 2005, p. 251)

As escolas deixaram encurralar a sua missão inovadora e de produção de novos sentidos. “A afirmação soa mal. Para que serve, essencialmente, a escola? Nela aprendemos a obedecer.” (Gros, 2019, p. 26). As universidades foram encurraladas em acordos internacionais e estão prisioneiras de imobilizadas políticas públicas. Sufocam os seus professores em aulas intermináveis, dissertações e teses em massa, para além de esgotantes tarefas administrativas, responsabilizando-os por ultrapassar as restrições económicas que a política ultraliberal de cortes no financiamento lhes impõe. Por seu lado, a pesquisa/investigação, encarada como imprescindível nos processos de avaliação interna e externa de docentes, é regida por modelos quantitativos e alinhados com uma tradição académica retrógrada. É fundamentalmente tratada como fonte de receitas e de prestígio para as instituições. Perante parâmetros de avaliação determinados pelas instituições de tutela (FCT, CAPES, etc.) os projetos de pesquisa têm tendência a se enquadrar no estabelecido, na grande maioria das vezes ao serviço da *economia*, da *competitividade* e do

*empreendedorismo*. O sistema de avaliação instalado dificulta a a sua aprovação se os projetos são alojados no campo da subjetividade das artes e fomentadores de irreverência e insubordinação do pensamento performativo. É dada prioridade a uma lógica economicista de produtividade e de ostentação de um conhecimento que acentua os valores hegemónicos, segura uma governança que se entranha com o modelo de desenvolvimento económico que dá suporte à especulação e manutenção do domínio estratégico do mundo pelo Norte.

Nesta encruzilhada de um tempo que desconfia de si e dos espaços que pisamos, apenas um posicionamento no político (Mouffe, 1996) transmite sentido à investigação e à intervenção performativa, na educação, na arte ou na cultura. Os exemplos que rompem o cerco que está instalado na performatividade irreverente e radical, situados principalmente no Sul político e em bolsas de resistência no Norte, precisam de ganhar estratégias de difusão que ultrapassem o ostracismo e a desvalorização a que são votados pelo dominante, e mostrar o seu exemplar esplendor pela esperança num possível porvir democrático, ecologicamente equilibrado e socialmente antidiscriminatório.

### **a investigação como um lugar agonístico**

A velocidade a que as estratégias de subversão são cooptadas mostra que a adaptabilidade do poder é muitas vezes subestimada; contudo, deve reconhecer-se o mérito dos resistentes, na medida em que o acto, ou produto subversivo, não é cooptativamente reinventado ao ritmo que a estética burguesa da eficácia poderia ditar. (Pereira, 1999, p. 13)

Este texto, vinculado ao seu autor, professor aposentado, artista e investigador, corresponde à procura de um quadro epistemológico que melhor entenda a singularidade do artístico e da educação artística como espaço de liberdade agonística, de confronto com os valores culturais e sociais instalados e espalhados pelo Ocidente. Assim, não pode deixar de ser revelado como a cultura que se foi construindo ao longo da história da Europa colonial e escravocrata, cortou a capacidade de escuta para fora de si e, com o deslumbramento com que se colocou invasora, rapinou os recursos naturais dos povos subjugados, congelou e transformou os seus valores, religiosos, económicos, financeiros e políticos como lei.

O reconhecimento do conflito epistemológico, nessa dimensão necessariamente descolonial, é entendido como miolo da investigação, enquanto corpo de intervenção performativa, enfrentando criticamente os *saberes naturalizados*, a *obediência* e o *conformismo*. Resposta essa a uma angústia crescente sobre o *tempo de catástrofe* que vivemos, mobilizadora de uma ação persistente que reconheça a insuficiência e incompletude de seu efeito, mas que seja geradora de resistência e de construção de um porvir em *aberto* (Agamben, 2011), democrático e agonístico (Merlin, 2019).

Reconhece-se um valioso trabalho de investigação no amplo campo

da Educação Artística, no terreno das Práticas Artísticas, nas Ciências da Educação e nas Ciências da Arte, embora muitas delas ainda presas a tradições metodológicas, tímidas e inócuas na sua irreverência epistemológica. Precisa-se de ampliar os esforços de docentes/artistas para que, diante da natureza singular que o fazer/pensar\_pensar/fazer artístico possibilita, assumam e enfrentem, num sentido mais irreverente, a encruzilhada deste tempo de catástrofe ecológica e de desencadeamento acelerado das discriminações. Nesse sentido, a ambiguidade que o romantismo, o modernismo e o racionalismo projecta nas atuais práticas de educação artística, na ilusão do papel terapêutico da arte, no espectáculo para divindades geniais, no espaço para o eclodir da habilidade individual, no esplendor da expressividade e criatividade individual, torna-se um obstáculo à inscrição da arte e da educação artística num movimento transformador.

Reconheço que este texto está carregado de um pessimismo pessoal, talvez consciência acordada por leituras recentes. Danowski e Castro (2023, p. 36-37), nos alertam: “A história humana já conheceu várias crises, mas a assim chamada “civilização global”, nome arrogante para a economia capitalista baseada na tecnologia dos combustíveis fósseis, jamais enfrentou uma ameaça como a que está em curso”. Esta consciência não me permite manter nenhuma espécie de distração sobre o como a ação performativa que desempenho, como artista e investigador, precisa de evidenciar o fundamental, de se centrar no que analisa e denuncia numa escuta que me desloca do lugar que ocupo, do rumo para onde vamos *todos*, nesta *civilização global* a que não podemos deixar de pertencer.

O que promovemos com o *que fazemos e fizemos?*, como docentes, como artistas, como investigadores? Em que sentido concordamos e integramos na nossa atividade as palavras de Ki-Zerbo “... a educação deve ser transformada para que a sociedade seja transformada.” (2009, p. 152).

Para além dos diplomas que conferimos, dos textos que publicamos, das conferências proferidas, que consciência proporcionamos às/aos nossas/nossos estudantes e a quem nos *ouviu*, sobre a sua inscrição na urgência de uma resistência partilhada e agonística ao que ameaça o seu próprio futuro?

## **investigação, autonomia e insubmissão**

Crer no mundo é o que mais nos falta; perdemos completamente o mundo, fomos desapossados dele. Crer no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou fazer emergir novos espaços-tempos, mesmo se de superfície ou volume reduzidos. [...] É em cada tentativa que se julga a capacidade de resistência, ou, ao contrário de submissão a um controle. É preciso criar um povo ao mesmo tempo.” (Danowski; Castro, 2023, p. 235)

A investigação em Arte Educação, na área da Educação Artística, aloja-se num campo epistemológico e ontológico singular, que se realiza tendo como

protagonistas docentes/artistas, e/ou investigadoras(es) com um vínculo direto ao mundo da arte, numa procura de entendimento epistemológico do que a performatividade artística e educativa proporciona e movimenta. Este campo singular identifica-se pela sua grande riqueza especulativa, pelo que expande para fora de si, pela desobediência que lhe é inerente, pela falta de necessidade de justificação, mesmo pela sua obsolescência. É um campo herdeiro da autonomia conquistada e dos conturbados caminhos abertos (*Art-Based Research, Art Practice as Research, Practice-led Research, Research-led Practice in Creative Art; e Research into the didactics of the school curriculum, Research in Art & Design, Arts and Education, Arts-Based Educational Research, Metodologias artísticas de investigação em educação - MAIE, A/R/Tography*). Nessa caminhada abriram-se possibilidades de se construírem outros métodos de investigação, que libertam a reflexão e a ousadia e soltam radicalmente as restrições advindas de outros terrenos de investigação, sejam das *ciências*, das *ciências da arte*, ou das *ciências da educação*, e fomentem a liberdade criativa, a insubmissão epistemológica e a intromissão no campo do político, basicamente no desejo de transformação social.

Liberdade que a pertença intrínseca da arte à educação artística transporta na sua natureza única de inexistência da regra e fusão com o devir. Persegue-se, no sentido do que o texto refere, a recusa por uma prática de investigação narcísica, em favor de um envolvimento ecológico e social, agonístico, de um compromisso do(a) investigador(a) como autor da sua ação. “[...] sublime, na sua maneira particular, é de facto o sentir revolucionário [...]” (Perniola, 1993, p. 78).

A escolha de metodologias e clarificação da ação/pesquisa deveria decorrer do posicionamento sincero e crítico de cada investigador(a) face ao vivenciado *tempo de catástrofe*, sustentando a procura desejada de contaminação. O sentido da pesquisa não reside na sua proclamação, mas, pelo contrário, na presença de uma postura agonística, polemizada e autoral, em que os sujeitos ganham espaço para apresentarem a *escrita de si* (Foucault, 2017). Este sujeito invocado, militante no terreno da investigação, assumindo a globalização enquanto paisagem sempre presente, sem isolar os fragmentos observados, que mobiliza os saberes críticos construídos e os confronta com os naturalizados, não pode descuidar o envolvimento intrínseco e imprescindível da arte e da educação artística com o político. Envolver que sustenta a responsabilidade no enfrentamento da complexidade do que integra o ensino artístico, enquanto lugar dedicado ao diálogo entre o pensar e o fazer artístico, a produção de imagem e a performatividade, com a reflexão sobre a prática artística contemporânea com este *tempo de catástrofe* em curso. Trata-se de um lugar singular, de pesquisa sobre o fazer/pensar\_ pensar/fazer, onde se aplaude a experiência e a especulação próprias da arte. Lugar onde o reconhecimento da incompletude<sup>1</sup> se

---

1 “... que lo sujeto, independientemente de sus condiciones sociales e históricas, está atado al mismo

torna necessidade. “Quando reduzimos a obra de arte ao seu conteúdo e depois interpretamos isso, domamos a obra de arte. A interpretação torna a obra de arte maleável, dócil.” (Sontag, 1987, p. 16)

Na pesquisa em educação artística não pode ser ignorada a imanência própria da arte e a potencialidade educativa que daí se exala. O contacto direto com a obra de arte, promovida e disponibilizada nos contextos expositivos e museológicos, o contacto com mediadores críticos, curadores, serviços educativos, comunicação social e outros agentes culturais, oferece uma superfície sem fim de aprendizagem crítica. Superfície que se completa com o contacto com outras manifestações artísticas e culturais, subversivas dos lugares de consagração que amplia as possibilidades no alunado de construir o seu sentido crítico e o modo singular de integrar a experiência no seu corpo.

Reconhece-se que, ao longo deste texto, a matriz pessoal do seu autor (com um longo percurso nas artes plásticas) marca em demasia o apresentado, mesmo na tentativa de não criar uma vinculação disciplinar à educação artística, não deixa de esbater a importância disciplinar, inter-relacional, híbrida e sem fronteiras que a arte performativa (a música, o teatro, ...) possibilita.

## **investigação e performance educacional**

“As universidades parecem quase que funcionam como a política, ou como os políticos — vivem a pensar e a reflectir sobre o mundo, mas como se o mundo fosse dentro das suas paredes.” (Fragateiro, 2007, p. 17). As tensões próprias ao campo da arte constituem-se como o foco central da investigação em educação artística, espaço epistemológico e ontológico singular. Tensões onde a pesquisa, atenta ao esforço da arte se pensar a si mesma, reside nos processos peculiares de produção de conhecimento que a ação/investigação vírica pode promover. A relação promíscua e incestuosa com que a arte, na sua intersubjetividade, domina a educação artística, marca, com o seu devir, a dimensão social e cultural da educação e do ensino artístico. [...] o que está em causa é a libertação total dos modos de pensamento e de expressão preestabelecidos, tendo em vista a necessária promoção de formas especificamente novas de sentir e de dizer, cuja procura implica, por definição, o máximo de aventura. (Breton, 1994, p. 46).

Defende-se, neste texto, uma investigação que não se fecha em si, nem apenas nos lugares de disseminação dos resultados do trabalho. Evita-se uma pesquisa que apenas especula, analisa e escuta, mas que também incentiva práticas educativas renovadoras e contrahegemónicas. O ensino artístico, no quotidiano das aulas onde o relacionamento com o alunado possibilita um espaço fundamental para efectivar o que a pesquisa vai tecendo, proporciona tempos sagrados de performance educativa.

---

postulado de inconclusividade.” (Butler; Laclau; Zizek, 2017, p. 20)

O relacionamento que as aulas de educação artística permitem, se num modo coerente com uma postura que contraria todas as práticas de discriminação e de submissão à hegemonia cultural reinante, podem ser espaços de experiência significativa (Larrosa, 2014) promovidos na convivência do *coletivo de aprendizes*. Isto deve querer dizer, que no lugar de se promover o *uno*, enaltecendo o individual, na sua genialidade e elevando a habilidade e desempenho, se promovem práticas colaborativas, se acarinham e apreciam as respostas de *todas/os*, as experiências, as procuras e as inovações, num ambiente relacional em que não são admissíveis comportamentos interpessoais de discriminação, sejam de gênero, étnicas, de classe e demais. Naturalmente não se aceita se o professorado não se compatibilizar com este entendimento, usando o velho exercício de poder, recuperando o papel de colonizador impondo o seu gosto e a sua cultura artística e social, mas, no sentido oposto, se estimula um sadio relacionamento educativo.

No mesmo sentido, perante uma consciência do desvario ecológico deste *tempo de catástrofe*, esse entendimento deve ser tornado presente, permitindo ao alunado a construção de um conhecimento informado, promovendo respostas performativas, artísticas, complexas, críticas, inovadoras e interferentes, sem recurso à utilização das fórmulas gastas da reciclagem ou da produção de repetidas campanhas inócuas em favor da natureza.

Enquanto os seres humanos e as sociedades que formam não reconhecerem senão a cultura aparente, e evitarem considerar a cultura primária subjacente, isto terá apenas como resultado explosões imprevisíveis e violência. Penso que uma das inúmeras vias possíveis para resolver este problema passa pela descoberta de nós próprios: e não podemos realizar essa descoberta a não ser conhecendo verdadeiramente os outros e as suas diferenças. (Hall, 1996, p. 17)

A valorização da memória, como instrumento fundamental na construção de conhecimento, pode permitir buscar o que a *história construída* esconde, de um passado colonial e escravagista, da destruição de *culturas outras* e aniquilação de povos, do papel da nobreza, aristocracia e burguesia na construção do atual *gosto reinante* e do que apresenta como sendo a *alta cultura*. Promover na sala de aula o entendimento de que conhecer o que desconhecemos é promover a ampliação cidadã do relacionamento com o comum e armar o alunado, para se enfrentarem os desafios existentes e que se aproximam.

Sem pretensão de listar o que poderia ser um elenco curricular para o ensino artístico, que obrigaria a se atender aos diferentes níveis escolares e etários abrangidos, apenas se acentua a urgência de romper o adormecimento e a submissão, promovendo a insubmissão educativa. O artístico confronta-se com a urgência de transgressão, isento de necessidade de ser novidade ou instrumento, mas suspendendo a rendição às armadilhas sedutoras que lhe são



oferecidas pelo aparato espetacular das instituições consagradas pela cultura hegemónica. “Governava-se à distância através de sistemas de conhecimento que estabeleciam princípios para o indivíduo agir como cidadão, trabalhador, membro de família auto-responsável e auto-motivado.” (Popkewitz, 2011, p. 19)

Este texto situa a investigação em educação artística na urgência de clarificar o seu dever, afirmando, sem hesitação, que esta assenta na persistente insatisfação com o autoproclamado esplendor dos modelos hegemónicos que sufocam o exercício democrático de uma prática agonística que conflitua o real e possibilite espaços para um futuro que permanece em aberto.

Tudo se pode ignorar, menos a própria ignorância. (...) O problema principal dos que ignoram a ignorância é que se fixam a uma relação disfarçada com o saber e, baseando-se nessa relação, fecham-se a poder saber o que de fato ignoram. (Mbembe, 2011, p. 25)

## Referências

- AGAMBEN, G. **O Aberto**. O homem e o animal. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARBOSA, A. M. **Arte/Educação Contemporânea** - Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- BRETON, A. **Entrevistas**. Lisboa: Edições Salamandra, 1994.
- BUTLER, J.; LACLAU, E.; ŽIŽEK, S. **Contingencia, hegemonía. universalidad**. Diálogos contemporâneos de la izquierda. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2017.
- CASTRO, E. V. DE. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- DANOWSKI, D.; CASTRO, E. V. DE. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2023.
- FOUCAULT, M. **O que é a crítica?** Seguido de A cultura de si. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2017.
- FRAGATEIRO, F. Entrevista. **Nexus 00**: 7 Entrevistas - Práticas Interdisciplinares. Porto: [s.n.].
- GROS, F. **Desobedecer**. Lisboa: Antígona, 2019.
- HALL, E. T. **A Dança da Vida** - A Outra Dimensão do Tempo. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

KI-ZERBO, J. **Para quando a África?** Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2009.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2014.

MBEMBE, A. **Brutalismo.** Lisboa: Antígona, 2021.

MERLIN, N. **Mentir e y colonizar:** Obediência inconsciente y subjetividad neoliberal. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.

MOUFFE, C. **O Regresso do Político.** Lisboa: Gradiva, 1996.

PEREIRA, F. J. **Acesso Interdito.** Porto: Museu de Serralves, 1999.

PERNIOLA, M. **Do Sentir.** Lisboa: Editorial Presença, 1993.

PERNIOLA, M. **El arte expandido.** Madrid: Casimiro Libros, 2016.

POPKEWITZ, T. S. **Políticas Educativas e Curriculares.** Abordagens Sociológicas Críticas. Lisboa: Edições Pedagogo, 2011.

SCHLEMIHL, P. **L'homme qui a perdu som Ombre.** Paris: L'École des Loisirs, 1978.

SONTAG, S. **Contra a Interpretação.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

## José Carlos de Paiva

Professor Emérito da Universidade do Porto. Professor Aposentado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (Departamento de Desenho – Educação Artística). Doutorado em 'Pintura', Mestre em 'Arte Multimédia' e Licenciado em 'Artes Plásticas – Pintura' pela Universidade do Porto – Faculdade de Belas Artes. Investigador Integrado no i2ADS (Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade), pertencente à sua Direcção e Comissão Científica. Coordena o Programa de Investigação "Interculturalidade e Sociedade" e é membro fundador do 'Identidades: Colectivo de Acção e Investigação' (ID\_CAI). Envolvimento anticolonial em ações interculturais, científicas, artísticas e culturais com comunidades no Brasil, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Portugal.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2084-9437>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5032435058514515>